



## VALONGO | SWITCH TO INNOVATION SUMMIT - PRIMEIRA EDIÇÃO



FOTO: ALEXANDRINO, GIORGI, IMAGES

## PROGRAMA

Dois dias,  
80 oradores,  
30 projetos

Entre hoje e amanhã, Valongo recebe a primeira edição do Switch to Innovation Summit, uma espécie de palco da Inovação Social com Tecnologia. Os trabalhos decorrerão no Fórum Cultural Vallis Longus. Serão dois dias interativos, em modelo híbrido, que permitirão conhecer 80 oradores e mais de 30 projetos que juntam a tecnologia à sustentabilidade, inclusão, educação e humanização. Este evento, que se realiza pela primeira vez, é uma iniciativa financiada pelo Portugal Inovação Social e pela Câmara Municipal de Valongo e promovido pelo CDI Portugal.

Evitar a exclusão digital, sobretudo dos menos capazes para lidar com as tecnologias, é um dos motes do evento

# A transição digital e a inovação social são nossas amigas?

Oportunidades proporcionadas pela digitalização são inegáveis, mas apenas a sua implementação não chegará para resolver os problemas dos cidadãos

Duarte Pernes  
locais@jn.pt

**DEBATE** O conceito de transição digital vem sendo anunciado, há já alguns anos, como uma progressiva e incontornável realidade para múltiplos setores da sociedade. A pandemia veio acelerar a sua introdução em diversas vertentes, e isso tem também feito levantar outras tantas questões. A conjugação da tecnologia com a inovação social e as oportunidades geradas por esse movimento são o tema central do Switch to Innovation Summit, uma iniciativa organizada pela Câmara Municipal de Valongo e pela CDI Portugal, entre hoje e amanhã (ler caixa).

Na opinião de Filipe Santos, reitor da Católica Lisbon School of Business & Economics, uma das vantagens das tecnologias digitais reside, precisamente, na capacidade que estas podem ter para ajudar a

resolver assuntos de índole social. “A inovação social, normalmente, nasce da perceção de problemas concretos das comunidades. O que a tecnologia traz é um potencial de alcance e de escalabilidade das soluções muito diferente do que era possível e que permite inovações sociais, como novas plataformas de acesso remoto à saúde ou a criação de comunidades de interesses que partilhem recursos e resolvam problemas”, comentou o académico.

## NÃO SÓ A TECNOLOGIA

Num âmbito mais local, ao nível das autarquias, a questão da digitalização pode servir enquanto ferramenta eficaz de auxílio aos municípios, mas isso não será suficiente se não houver uma mudança mais alargada em termos de organização. A ideia é defendida por Carlos Oliveira, presidente-executivo da Fundação José Neves:

“O objetivo deve ser resolver os problemas dos cidadãos com menos esforço e maior velocidade. Para isso, é preciso alterar a cultura organizacional porque, por si só, a tecnologia não vai resolver isto”. Estas transformações sociais por via tecnológica manifestam os seus efeitos, igualmente, no campo empresarial. De tal forma que, para Luísa Ribeiro Lopes, coordenadora-geral do programa Incode.2030, “quer as empresas quer as pessoas não podem estar afastadas do digital”.

No seu entender, a preponderância deste fenómeno é tanta que pode estabelecer-se uma correlação entre a resiliência dos empreendedores e o seu grau tecnológico. “Cidadãos e empresas com maior capacitação digital têm maior resistência às crises. Aliás, um estudo das Nações Unidas mostrou que os três países com maior resiliência à crise pandémi-



Carlos Oliveira  
Fundação José Neves

“O objetivo deve ser resolver os problemas dos cidadãos com menos esforços e com maior velocidade”

ca foram aqueles com maior nível de digitalização: Estados Unidos, Finlândia e Dinamarca”.

## LITERACIA DIGITAL

Não obstante o conjunto alargado de virtudes da componente digital, que tende a oferecer às populações um empoderamento superior, existe um risco de subversão salientado por Luís Santos, professor da Universidade do Minho. “Muitas coisas apresentadas como avanços benignos tiveram depois utilizações benignas e menos benignas”, avisa. Luís Santos defende que “a digitalização pode aumentar a participação dos cidadãos e a qualidade das democracias”. Contudo, chama a atenção para a necessidade de uma “literacia digital que habilite as pessoas a executar um certo tipo de tarefas além de mexer nas ferramentas”, sob pena de “algumas delas serem excluídas socialmente”. ●





## “Vamos poder aprender e partilhar: é sempre este o nosso mote”

Presidente da Câmara de Valongo, entidade organizadora do evento, quer dar visibilidade a um tema relevante, mas ainda pouco mediático

**INICIATIVA** José Manuel Ribeiro, presidente da Câmara Municipal de Valongo, assume a importância de eventos como aquele que a Autarquia por si liderada irá organizar. O autarca salienta também a oportunidade dada pela iniciativa de se divulgarem ideias empreendedoras e sustentáveis e de se destacarem temáticas, na sua ótica, pouco abordadas, mostrando-se ainda um entusiasta da aliança entre tecnologias e inovação social.

**A Câmara Municipal de Valongo é uma das organizadoras do Switch to Innovation Summit. Em que consiste este evento?**

É uma iniciativa que está na primeira edição e resulta de um trabalho que estamos a fazer, nos últimos anos, com a CDI Portugal. Basicamente, surgiu a ideia de lançar uma cimeira de inovação social ligada à tecnologia, e é isso que vai acontecer. Serão apresentadas diversas iniciativas que juntam exatamente esta questão da tecnologia e da inovação social, mas também a sustentabilidade e projetos ligados à educação. Ao todo, vão ser cerca de 80 oradores que vão estar aqui, durante dois dias, quer no palco virtual quer no palco físico.



José Manuel Ribeiro, presidente da Câmara de Valongo

**Quais são as expectativas que tem para esta iniciativa?**

Vai ser muito interessante, não tenho dúvidas. No fundo, isto é uma forma de reconhecimento, sobretudo para quem trabalha e para pessoas com bons projetos, por isso estamos muito contentes. Vamos poder partilhar e aprender, é sempre este o nosso mote. Além disso, teremos aqui também gente muito interessante e que acompanha este assunto da inovação social e da tecnologia. É uma área que, por vezes, não tem a visibilidade desejável, e nós esperamos ajudar a dar essa visibilidade ao tema. Já tínhamos vontade de fazer algo assim antes, mas a pandemia atrasou tudo.

**Que passos estão a ser dados pela Autarquia de Valongo em termos de inovação social e tecnologia?**

Projetos não faltam, e nós estamos a desenvolver muitos. Ainda agora adquirimos mais de 800 tablets para os nossos seniores, que são muito ativos e já têm muitas atividades, mas, através destas plataformas, vão poder, por exemplo, criar uma rádio, que era uma das ideias que eles próprios tinham na calha. ●



João Baracho, diretor da CDI Portugal

## “Tecnologias digitais têm uma importância capital, mas são um meio e não um fim”

Especialista sublinha necessidade do recurso a metodologias ativas: não basta dar equipamentos, é preciso que as pessoas saibam utilizá-los

**DIGITAL** As novas tecnologias assumem uma relevância já incontornável para a sociedade, segundo João Baracho, diretor-executivo do CDI Portugal. Contudo, há ainda um número considerável de pessoas que não tem acesso a elas ou, simplesmente, não sabe utilizá-las da melhor forma. Por isso, considera João Baracho, é preciso prestar auxílio aos chamados infórmes, de modo a que não fiquem para trás.

**Qual é a importância que as tecnologias digitais podem assumir em termos de inclusão social?**

As tecnologias digitais são fundamentais e têm vindo num crescendo, porque permitem às pessoas ter mais voz e chegar mais longe em termos de divulgação das suas ideias. Ou seja, na prática estas tecnologias dão uma sensação de maior poder aos cidadãos, portanto têm uma importância capital. Agora, a tecnologia é sempre um meio, e não um fim. O que interessa é que ela permita ir mais longe, seja para novas oportunidades de emprego ou para comunicar ideias.

**Considera existir o risco de que estas ferramentas tecnológicas**

**possam contribuir para aumentar as fragilidades, designadamente daqueles que têm menos acesso a elas?**

Há esse risco, claro. De qualquer forma, as tecnologias estão cada vez mais fáceis de utilizar, e esta pandemia permitiu levar computadores a muitos sítios onde não havia. Aliás, a pandemia nisso até acabou por ajudar, porque chamou a atenção para a necessidade de banda larga nas escolas e para um tratamento mais cuidadoso do interior do país, em termos de comunicações e ligações. Mas, obviamente, continuam a existir desigualdades graves e pessoas que não têm acesso à tecnologia.

**E o que pode ser feito no sentido de mitigar as desigualdades digitais que subsistem?**

Temos de continuar com a mesma força a tentar levar equipamentos e comunicação a todo o lado, mesmo passando a fase mais crítica da pandemia. Outra coisa importante é o que chamamos de metodologias ativas. Ou seja, depois de as pessoas terem os equipamentos, não basta explicar-lhes como funcionar com eles. É preciso, isso sim, que os cidadãos saibam como hão de aplicá-los da melhor forma nos seus diversos âmbitos. ●



527

é o número de projetos apresentados ao Portugal Inovação Social

30

milhões de euros é o valor do investimento social resultante dos projetos

72

milhões de euros é o montante de fundos europeus captados para investir em inovação social

8

Valongo é o oitavo município do país com mais investimento em projetos de inovação social

30

é o número de projetos a apresentar nos dois dias do evento

80

é o número de oradores que passarão pelo Switch to Innovation Summit